

# PAÍS IDEAL

Célia Siqueira FARJALLAT

I had a dream (Eu tinha um sonho)

Martin Luther King

Desencantado com o país em que vivia, Thomas Morus inventou a palavra “Utopia”, que aparece em seu livro, datado de 1516, “sobre a excelente organização de uma nova República, e sobre a Ilha Utopia, onde o regime político-social era perfeito”. O irreverente Rabelais divulgou o termo em francês, “Utopie”, que significa o “não-lugar”. Isso inspirou Tommaso Campanella a criar a “Cidade do Sol”, por volta de 1623, onde atacava o sistema político de seu tempo e pregava uma justa distribuição da riqueza.

Mais tarde, o filósofo inglês Francis Bacon criou um país ideal, a “Nova Atlantis”, baseando seus sonhos no poder das ciências, que resolveriam os males políticos e sociais. Sobre o “Eldorado” todo o mundo já ouviu falar. A propósito, sonhadores existiram em todos os tempos e nem os tiranos mais cruéis conseguiram destruir esta fábrica de sonhos, que palpita dentro de toda a criatura humana.

Aqui também, nesta pobre terra tão rica e tão espoliada por maus brasileiros, sonha-se, e quanto! O economista Edmar Bacha, ex-presidente do IBGE, inventou a “Belíndia”, onde poderiam conviver, lado a lado, a Bélgica progressista e a Índia, repleta de problemas. Outro economista, Roberto Campos, inventou a sua “Banglânia”, misturando em coquetel perverso a horrenda miséria de Bangladesh e o totalitarismo estatal da Albânia. E, ainda, Mário Henrique Simonsen criou a “Jaiça”, uma otimista mistura do desenvolvimento do Japão com a inflação congelada da Suíça.

A imaginação não parou por aí. Já ouvi alusões ao “Brapão”, misturando a irresponsável e apimentada alegria do brasileiro e a sólida disciplina nipônica, e, ainda “Braustrália”, mistura do Brasil com o país dos cangurus.

Sonhar um país ideal é preciso. Um país sem politiqueiros, sem discursos empolados, sem promessas que não podem ser cumpridas, sem chateações, sem inversão de valores, sem semi-letrados, muito piores que os analfabetos. Uma nação onde imperem o bom senso, o respeito aos valores eternos, e, sobretudo, o respeito àquela humildade intelectual, que é a marca registrada da sabedoria. Quero uma terra assim para meu povo. Uma terra, onde as escolas ensinem e preparem para a vida, e onde não haja lugar para politiquices, corrupções mais ou menos disfarçadas sob um manto de benevolência.

Quero uma terra assim, onde o cumprimento do dever seja um postulado normal e não um caso excepcional. Terra onde o valor seja reconhecido, e os falsos valores castigados. Existirá um país assim? Espero que sim, enquanto este dia não chega, sonho com ele. Que sonhar, ao que consta, ainda não é proibido, nem sujeito a imposto algum.

(Do “Correio Popular”, Campinas 22-6-2000)